

FONTE : Correio Brasileiro

CLASS. : 10

DATA : 4 5 89

PG. : 14



Iris, presidente da Funai, quer encontrar um caminho para os índios

Kaiapó pede para explorar madeira

Para a exploração de madeira e minério em terras indígenas, além da aprovação do Congresso Nacional - prevista no parágrafo 3º do artigo 232 da nova Constituição -, as comunidades indígenas devem estar munidas de um projeto de manejo florestal elaborado por técnicos da Funai e do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis. Esta foi a interpretação preliminar feita pelo presidente da Funai, Iris Pedro de Oliveira, e sua consultoria jurídica, diante do primeiro pedido de renovação de contrato com madeira depois da promulgação da Constituição, feita ontem, pela liderança dos índios Kaiapó do sul do Pará.

Os caciques Pedro e Pangrá, da tribo Kubenkrakenh, foram recebidos pela manhã, depois que o presidente da Funai falou por telefone com Raoni, quando o cacique intercedeu em favor dos "parentes". Os índios Kaiapó foram pedir a autorização de Iris Pedro na renovação do contrato de extração de madeira, mantido com a Serraria Sul do Pará desde 1985. A permissão atual expira no próximo mês. O presidente do órgão explicou a impossibilidade legal da autorização, de qualquer acordo financeiro de aproveitamento dos recursos naturais em terras indígenas, como antes era de sua competência. O caso foi encaminhado à consultoria jurídica da Funai, cujos estudos abrirão precedentes a casos semelhantes.

O presidente da Funai disse ser do interesse do órgão a criação de um mecanismo que possibilite a

aprovação mais rápida pelo Congresso deste tipo de reivindicação. Os estudos técnicos para orientar a utilização dos meios de riqueza seria um deles. "Eles querem uma condição de sobrevivência independente da Funai e do governo. Nós queremos estimular esta independência porque a Funai não tem recursos para o atendimento assistencial satisfatório a todos os índios", revelou Iris Pedro, que expôs ainda sua intenção de traçar, junto aos ministros competentes, um programa assistencial de educação e saúde aos povos indígenas.

O novo contrato, que os índios Kaiapó querem firmar com a madeireira Sul do Pará, prevê a exploração de 30 mil metros cúbicos de mogno com o pagamento de 8 OTNs por metro cúbico. O dono da madeireira, Adão Teodoro, também presente à reunião com o presidente da Funai, estima que tenham sido extraídos da reserva dos Kaiapó, mais de 20 mil metros cúbicos de madeira desde o início da exploração. O contrato que eles levaram ontem a Iris Pedro para aprovação, prevê a extração de 30 mil metros cúbicos de madeira até o final de 1990. A estimativa de dobrar a produção é explicada pela construção de uma estrada feita por Teodoro, permitindo o acesso mais rápido até a tribo.

Teodoro garante que a madeira retirada é adulta, possibilitando a renovação da reserva. Segundo ele, já foi encaminhada à Funai uma proposta de plantação de novas árvores na área. Por este contrato o metro cúbico explorado baixaria de 80 OTNs para 60 OTNs,

com a plantação de quatro árvores a cada uma extraída.

A sobrevivência dos Kaiapó depende exclusivamente do contrato com a madeireira. Com o dinheiro do novo acordo que pretendem encaminhar ao Congresso eles vão terminar a construção de 11 casas para os guerreiros. As casas dos três caciques já estão prontas, no melhor estilo urbano: 5 quartos, três banheiros com privada e ducha, azulejos, e telhado de cerâmica. As casas dos guerreiros, ainda por terminar, têm 2 quartos e nenhum banheiro. Faltam pisos e portas. Com o dinheiro da madeira está prevista a construção de mais 19 casas abrigando os 230 índios da tribo.

Além das casas, os índios Kaiapó têm outras propriedades: uma caminhonete F-1.000, duas D-20, um Monza, um Escort, uma chácara em Redenção (a 30 quilômetros de Belém) onde criam porcos e galinhas, e um prédio de dois andares na mesma cidade, tudo construído e comprado com a madeira.

Na tribo, o único que parece em situação precária é o chefe do posto da Funai no local, Antônio Vasconcelos. A casa de taipa onde mora está sem teto, coberta apenas por um plástico comprado pelos índios. Ele, sua mulher, e um técnico agrícola representam a Funai na aldeia, apesar do pouco a fazer, da escassez de recursos e da independência dos Kaiapó. Raças à madeira. Medicamentos, transporte, comunicação (os índios têm seu próprio rádio, não utilizando o da Funai), correm por despesa da tribo.